

JUREMA SAGRADA · CATIMBÓ JUREMA

Mestra Maria Luziara

História, consagração e símbolos de uma Mestra da nossa rama

Ndandu Mukongo · Catimbó Jurema · Kimbanda Kongo-Angola

Mama Kizola · Tata Makambu

Mestra Maria Luziara faz parte da rama desta casa. Este texto conta a história dela como a Jurema guarda.

Quase tudo o que se sabe da vida terrena de Luziara chegou pela tradição oral de terreiro, de boca em boca, num tempo em que o culto era caso de polícia. O registro antigo quase não fala de Mestra: em 1933, Mário de Andrade foi a Natal estudar o catimbó e seus informantes não mencionaram nenhuma. Isso não diz que elas não existiam, diz quem perguntava e a quem. Onde a história encosta em documento, o texto avisa.

1 Quem é Mestra Maria Luziara

Luziara está entre as Mestras mais cultuadas e queridas da Jurema Sagrada. Chega com axé forte na corrente e com uma elegância que não se confunde: postura de fidalga, encanto que atrai, uma beleza que as cantigas não cansam de lembrar. Hoje o nome de Mestra Maria Luziara aparece também nas etnografias recentes da Jurema, entre os mestres e mestras que elas registram.

A tradição conta que ela era filha de João Grande, homem da fidalguia portuguesa, e que por isso recebeu na Europa a educação das cortes: letras, modos, polidez. Daí o porte que a acompanha até hoje. Sabia estar em qualquer lugar, e em qualquer lugar era notada.

2 Dom João VI, a corte e o ciúme

Aqui a história encosta num fato de arquivo. Dom João chegou ao Rio de Janeiro com a corte portuguesa em 1808, ainda como príncipe regente. Tornou-se rei em 1816, com a morte de Dona Maria I, foi aclamado em 1818 e partiu de volta para Lisboa em 26 de abril de 1821. O que a tradição acrescenta a esse fato é dela, e é isto.

A educação e a beleza de Luziara a levaram para perto do próprio rei, e ela foi amante de Dom João VI por muitos anos. Amante, não filha: o engano circula bastante e precisa ser desfeito, porque é dele que nasce a confusão sobre o título de Princesa, de que se fala mais adiante.

A atenção do rei despertou ciúme, desconfiança e falatório na corte, e Luziara virou centro de intriga. Sabendo que ia voltar para a Europa, Dom João VI quis deixá-la amparada: deu a ela um baú de joias e ouro e terras na Serra do Buíque, em Pernambuco.

3 A fuga e o baú no riacho

Com o rei longe, Luziara perdeu o amparo que tinha. A nobreza ressentida passou a persegui-la com violência e ameaça de morte, e ela fugiu para o Nordeste.

Sobre quando ela chegou a Pernambuco, correm duas versões. Os mais velhos contam que foi logo, direto para as terras que o rei lhe deu, para recomeçar a vida. Outros contam que ela só conheceu a região alguns anos depois. As duas correm nos terreiros, e este texto não escolhe entre elas.

No caminho, a carruagem virou perto de um riacho. O baú caiu na água e todo o ouro e as joias se perderam ali. É dos episódios mais lembrados da vida dela, e ficou guardado nas narrativas e nas cantigas.

4 A vida na Serra do Buíque

Em Pernambuco, Luziara tomou posse das terras na Serra do Buíque e foi viver delas: criação de gado, roça e administração da propriedade. Mulher à frente de fazenda e de gado, no sertão daquele tempo, não era pouca coisa, e a tradição faz questão de lembrar a capacidade de gestão e a autonomia dela. Essa leitura é nossa.

A Serra do Buíque existe e tem chão. Fica no município de Buíque, na passagem do Agreste para o Sertão de Pernambuco, junto ao Vale do Catimbau, e é terra do povo Kapinawá, que segundo o Instituto Socioambiental bebe no toré o vinho da Jurema e recebe ali os espíritos dos antepassados. Uma Mestra da Jurema com a vida plantada na Serra do Buíque está numa das terras da Jurema. Essa ponte é leitura nossa.

A beleza seguiu com ela. Os homens da região a cobiçavam, e há relato de briga entre eles por causa do amor e da atração que ela despertava.

5 Princesa: título de consagração, não de sangue

Na Jurema, Mestra Maria Luziara é muitas vezes chamada de Princesa, e é aí que o engano sobre Dom João VI faz estrago. O título não tem nada a ver com sangue real.

O que se conta da vida

Luziara era filha de João Grande, fidalgo português, e foi amante do rei. Não descendia de Dom João VI nem tinha laço dinástico com a coroa.

O que é da Jurema

Princesa é grau de consagração. Dentro da Jurema Sagrada ela foi consagrada e coroada Princesa, e é daí que o título vem.

As cantigas guardam duas formas de dizer de quem ela é Princesa: **Princesa do Mestre João** e **Princesa do Mestre Negão**.

6 Girassóis e campos verdes

Dois símbolos da natureza acompanham Mestra Luziara na memória dos terreiros.



Girassóis

A flor de que ela mais gosta. Enfeita os altares e os espaços de trabalho nos dias dela, e aparece estampada e bordada nas roupas que ela usa.



Campos verdes

A paisagem dela. É onde ela se reconhece na natureza, o seu lugar de força e o seu campo de atuação.

7 A passagem

Do fim da vida terrena de Luziara a historiografia não guarda quase nada, e de novo é a tradição oral que conta. Ela foi enfraquecendo aos poucos, até um quadro grave de tuberculose, e morreu disso.

A morte dela abalou muita gente que a amava e admirava. Mas ao passar para o plano espiritual, Luziara firmou seu lugar entre as Mestras da Jurema, e hoje é das mais veneradas, respeitadas e amadas, com devotos que mantêm viva a sua memória.

8 As cantigas

As cantigas de Mestra Maria Luziara fazem parte da tradição oral recolhida e preservada pelos juremeiros Canindé, de Natal (RN), e Denis Costa, de Extremoz (RN). Elas cantam a beleza da Mestra, o trabalho na mesa de Jurema, o gado espalhado e a Princesa.

Nota da casa

Mestra Maria Luziara faz parte da rama da Ndandu Mukongo. A história contada aqui é a que a Jurema guarda; o que ela é nesta casa, como chega e o que ensina, é fundamento, e fundamento passa de pessoa para pessoa.

Rama é limite: cada casa responde pelo que a sua rama entregou e não fala pelo que não recebeu. A Jurema é vasta, diversa e não tem dono.

Salve a Mestra Maria Luziara

Da mesma casa: *Jurema: Ciência Viva, da raiz à semente*